

B"H
PARASHAT SHEMINI

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

Os acontecimentos do oitavo dia da inauguração do *Mishcan*

A inauguração do *Mishcan* durou sete dias, e no oitavo, que coincidiu com Primeiro de *Nissan* de 2.449 da Criação do mundo, a *Shechiná* (Divindade) passou a residir nele.

Em cada um dos primeiros sete dias de consagração, Moshê montou o *Mishcan* e o desmontou novamente. A cada dia ele também oferecia os *corbanot* (oferendas) ordenados por *Hashem*.

Chegou o oitavo e último dia de dedicação. Era *Rosh Chôdesh Nissan*.

Hashem ordenou a Moshê: "Hoje deves armar o *Mishcan*, mas não o desmontes novamente. Também, pela primeira vez, Aharon e seus filhos oferecerão *corbanot*. Enviarei um fogo do céu para consumir seus *corbanot*."

Moshê convocou Aharon para informá-lo que assumiria a função de *Cohen Gadol* (Sumo Sacerdote).

Moshê disse a Aharon: "Quando o Todo Poderoso indicou-me temporariamente como Sumo Sacerdote para os sete dias da inauguração, tive a esperança secreta de que me seria permitido manter este cargo para sempre. Contudo, o posto de *kehuná* me foi negado, e transferido a você."

"Meu irmão, como posso fazer isto com você?" objetou Aharon. "Devo ser eu o Sumo Sacerdote, depois de você ter se empenhado tanto na construção do *Mishcan*?"

Moshê assegurou-lhe: "Da mesma forma que você ficou exultante ao saber que fui escolhido por *Hashem* para liderar o povo judeu, rejubilei-me sabendo que você servirá como Sumo Sacerdote!"

Moshê instruiu Aharon a levar diversos sacrifícios por *Benê Yisrael*. Dentre estes, um bezerro para expiar o pecado do bezerro de ouro.

Quando *Benê Yisrael* escutaram acerca dos sacrifícios a serem levados ao recém-construído *Mishcan*, indagaram: "Quando, finalmente, a *Shechiná* Se revelará neste, indicando que o Todo Poderoso retornou ao nosso meio, após o pecado do bezerro de ouro?"

Esta questão brotou em meio a uma atmosfera de desconforto. Moshê oferecera sacrifícios durante os últimos sete dias, e diariamente passava pelo laborioso processo de montar e desmontar o *Mishcan*. Não obstante, não houvera, até agora, revelação da Divina Presença.

"Hoje, a *Shechiná* descera e consumirá as oferendas de Aharon", disse Moshê. Assim que *Benê Yisrael* ouviram esta notícia, encheram-se de júbilo e fizeram os arranjos necessários para preparar as oferendas. Reuniram-se no pátio do *Mishcan* sem esperar uma ordem de *Hashem*. Ansiavam pelo momento em que o fogo de *Hashem* desceria, demonstrando que tinham sido perdoados e que Sua *Shechiná* repousaria no meio deles novamente. A diligência e empolgação de *Benê Yisrael* ao cumprirem as instruções do Todo Poderoso podem ser compreendidas através da seguinte parábola:

Certa vez, um marido ficou furioso com a esposa por causa de um ato impróprio que esta cometera. "Saia desta casa imediatamente!" gritou. Não tendo escolha, ela obedeceu. Depois de algum tempo, a raiva do marido amainou, e permitiu que ela entrasse em casa novamente. Ela fez as tarefas cotidianas de cozinhar, assar e limpar com uma alegria que jamais demonstrara antes.

Ao prepararem os sacrifícios para o *Mishcan*, os judeus reagiram de maneira similar. Após terem rejeitado o Todo Poderoso por causa do pecado do bezerro de ouro, realizavam agora sequiosos as ações finais através das quais a Divindade iria Se reunir a eles.

Neste dia, Moshê dirigiu ao povo um discurso, exortando-os: "A fim de merecerem a Presença de *Hashem* em seu meio, devem purificar seus corações, e servirem somente a Ele!"

Aharon e os *cohanim* começam o serviço Divino

Quando os animais do sacrifício ficaram prontos, Aharon foi iniciar o serviço. Contudo, não subiu ao Altar.

"Aproxime-se, Aharon!" chamou Moshê. "Por que hesita? Foi escolhido como *Cohen Gadol*! Portanto, tome coragem e realize o serviço!

Aharon, entretanto, não ousava se aproximar do Altar. Assim que olhou para os cantos quadrados na parte superior do Altar, estes pareceram-lhe os chifres de um boi! Lembraram-no do bezerro de ouro que ele tinha feito para *Benê Yisrael*. Embora Aharon nunca tivesse deixado de fazer *teshuvá* por causa de seu pecado, temia que *Hashem* pudesse não aceitar seu serviço.

Moshê disse-lhe: "Não tema! *Hashem* o perdoou."

Moshê percebeu que Aharon tremia ao aproximar-se do grande Altar. Disse a ele: "Meu irmão Aharon, *Hashem* escolheu você para fazer Seu serviço! Suba no Altar! Ofereça seus *corbanot* em expiação por si mesmo, e aqueles de *Benê Yisrael* em reparação por eles!"

Finalmente, Aharon sentiu-se seguro e subiu a rampa do Altar. Levou um bezerro como seu *corban*, enquanto seus filhos ajudavam. Então Aharon ofereceu os outros *corbanot*.

Ao terminar, Aharon elevou as mãos e pela primeira vez abençoou o povo com *Bircat Cohanim* – a Bênção Sacerdotal: "Yevarechechá *Hashem* veyishmerêcha... / Que *Hashem* te abençoe e te proteja..."

O pátio do *Mishcan* estava repleto, pois *Benê Yisrael* tinham assistido ao trabalho de Aharon. Quando ele concluiu sua função, o povo se perguntou: onde estava o fogo de *Hashem*? O fogo iniciado por Aharon tinha começado a queimar os pedaços de carne, mas nenhum fogo descia do céu. Aharon ficou aflito. O fogo da *Shechiná* não aparecera para consumir seus sacrifícios. Após deixar o *Mishcan*, queixou-se a Moshê: "Meu irmão, você está me expondo a uma grande vergonha. Disse-me para realizar o serviço, e não há resultado!"

Os irmãos então entraram juntos no *Mishcan* e prostraram-se perante o Todo Poderoso, implorando-Lhe que restaurasse Sua *Shechiná* a *Benê Yisrael*.

Terminando a prece, voltaram ao povo e os abençoaram: "Vihi nôam *Hashem* Elokênu alênu umaasse yadênu conena alênu / Que a *Shechiná* paire sobre as obras de nossas mãos." (*Tehilim* 90:17)

O fogo Celestial

Finalmente, o fogo da *Shechiná* apareceu. A nação inteira testemunhou que um pilar de fogo desceu do Céu, entrou no *Mishcan*, avançou para o pátio e consumiu os sacrifícios sobre o Altar, instalando-se sobre este.

Quando o povo presenciou isto, todos se rejubilaram, caíram sobre a face e louvaram *Hashem*. Era o sinal de que *Hashem* os tinha perdoado pelo pecado do bezerro de ouro. Desde a divisão das águas do Mar Vermelho não havia tanta alegria entre *Benê Yisrael*. O fogo que caiu sobre o Altar não desapareceu após queimar os *corbanot*. Ali permaneceu desde aquela época.

Por que a revelação da *Shechiná* não sucedeu imediatamente o serviço de Aharon? Retardando o fogo Celestial, o Todo Poderoso demonstrou que Sua presença não pode ser evocada automaticamente através de sacrifícios rituais. Contrariando a arraigada noção de que alguma fórmula mágica inerente aos sacrifícios em si produzem a presença Divina, *Hashem* ensinou ao povo judeu que Sua revelação concretizou-se como resultado das orações de Moshê e Aharon. A habilidade de invocar a presença Divina não é garantida por ritos externos, mas depende do espírito dos que entraram no *Mishcan* para servi-Lo.

A felicidade de *Benê Yisrael* ante a manifestação da Presença Divina era como a da noiva no dia do casamento. Sua exaltação era tanta que o espírito de profecia pairou sobre eles; e profeticamente cantaram as palavras do *Tehilim* (capítulo 33) "*Ranenu tsadikim Bahashem* / Cantem jubilosamente, ó justos, por causa do Eterno."

Ao se prostrarem, um novo milagre ocorreu. Repentinamente, cada um tinha amplo espaço para se prostrar, apesar de estarem bastante apinhados de pé.

Primeiro de *Nissan* foi um dia glorioso. Destinado, desde a Criação, a ser distinguido por eventos especiais. A felicidade e glória daquele dia teriam sido completas, não fossem os eventos que culminariam com as trágicas mortes de Nadav e Avihu, embaçando seu júbilo.

Os filhos de Aharon, Nadav e Avihu

Aharon tinha quatro filhos, e os dois mais velhos, Nadav e Avihu, não apenas eram queridos, mas dotados de atributos excepcionais. Eram tão virtuosos que se qualificavam como futuros líderes.

Sua grandeza estava implícita em seus próprios nomes:

"Nadav" significa que era apto à nobreza (*nedivut*).

"Avihu" implica que era merecedor de tornar-se pai do povo judeu (*av*).

Seu nível espiritual não somente era bem cotado por outros, mas eles próprios estavam cômnicos disso. Andando atrás de Moshê e Aharon, Nadav comentou com Avihu: "Quando estes dois anciãos finalmente partirão deste mundo, para que possamos assumir a liderança da comunidade?"

Hashem respondeu: "Logo veremos quem enterrará quem!"

Nadav e Avihu eram *tsadikim*. O significado de suas palavras era: "Moshê e Aharon são velhos, e certamente morrerão logo. Então seremos convocados a assumir a liderança, e quem sabe se somos aptos." Os Sábios frasearam o comentário de maneira tão drástica para indicar que, quando se referiam a seu futuro papel de líderes da comunidade, havia uma certa falta de humildade em seu modo de se expressar e na sua atitude.

Nadav e Avihu são punidos por oferecerem incenso

Junto com as demais pessoas, Nadav e Avihu viram um fogo vindo do céu descer sobre o Altar no pátio e queimar os *corbanot*. Enquanto todos se alegravam, Nadav e Avihu ficaram desgostosos.

Sentiam que desejavam aproximar-se mais de *Hashem*, do que simplesmente ficarem parados observando um fogo miraculoso que descia do céu. Queriam levar o próprio *corban* para expressar seu amor. Também esperavam que ao oferecer um *corban* adicional, *Hashem* revelaria ainda mais de Sua *Shechiná*.

Sem conversar um com o outro, Nadav e Avihu tiveram a mesma idéia. Cada um pensou: "De todas as oferendas, o incenso é o mais sagrado, e das seções do *Mishcan*, o *Côdesh Hacodashim* é o mais santo. Por isso, o maior dos presentes para *Hashem* será oferecer-lhe incenso no Santo dos Santos."

Nadav e Avihu também decidiram que seria correto levarem seu próprio fogo sobre o Altar. Inferiram esta *Halachá* (Lei) do versículo (*Vayicrá* 1:7): "E os filhos de Aharon, os *cohanim*, devem atear fogo sobre o Altar." Como ambos eram Sábios de *Torá*, deduziram que é uma *mitsvá* colocar fogo sobre o Altar, apesar do fogo de Cima. Porém, formularam a *Halachá* sem consultar Moshê.

O desejo de Nadav e Avihu era bem-intencionado, *leshêm shamáyim*. Tinham certeza que *Hashem* ficaria feliz com este "presente especial" neste oitavo dia da consagração do *Mishcan*. Entretanto, cometeram um erro: tinham tanta certeza de que *Hashem* ficaria satisfeito que não perguntaram a Ele (através de Moshê) se queria este incenso. Nem ao menos pediram a opinião de seu pai, Aharon; ele certamente os teria impedido.

Assim que Nadav e Avihu resolveram oferecer seu próprio fogo, colocaram sua decisão em prática. Cada um pegou uma frigideira, atearam fogo e colocaram incenso, e a puseram sobre o Altar.

Talvez eles não tivessem ousado entrar no *Côdesh Hacodashim* (a parte mais sagrada do *Mishcan*, onde até mesmo os Sumos Sacerdotes só podem entrar em *Yom Kipur*) se não tivessem bebido vinho antes. Porém, após beberem, ficaram empolgados e não hesitaram em entrar no Santo dos Santos e oferecer incenso.

Quando *Hashem* viu que eles faziam a *avodá* (serviço) que Ele não havia ordenado, disse: "Se os deixar escapar impunes agora, outros judeus pensarão que também podem entrar no *Côdesh Hacodashim* e oferecer seus próprios *corbanot*. É melhor que Nadav e Avihu morram do que os judeus acreditem que o *Mishcan* é um lugar onde podem fazer sua própria *avodá* quando bem entenderem."

Nadav e Avihu haviam sentido o ímpeto e necessidade de uma contribuição própria, para expressar seu amor por *Hashem*. Apesar de sua motivação pura, um fogo Celestial surgiu do Santo dos Santos e consumiu-os.

Contudo, ocorreu um milagre, em mérito de sua imensurável virtude, e o fogo, que entrara pelas suas narinas, consumiu apenas suas almas, enquanto as vestes e corpos permaneceram intactos.

Devemos salientar que a punição drástica e instantânea de Nadav e Avihu não era sinal de sua inferioridade, mas, ao contrário, de sua elevada virtude.

Quando uma mulher lava duas camisas, uma branca e outra colorida, esfrega a branca com mais cuidado que a colorida, não porque esteja mais manchada, mas porque a menor manchinha sobre tecido branco aparece. Contudo, manchas não são tão aparentes no tecido colorido.

A alma do *tsadic* se parece com uma roupa imaculadamente branca. Sua pureza a torna vulnerável a qualquer mácula espiritual. Assim sendo, uma ofensa geralmente encontrada em pessoas comuns aparece como algo calamitoso no refinado caráter do *tsadic*, exigindo correção imediata. *Tsadikim* são amigos íntimos do Todo Poderoso. Por isso espera-se que sejam cem por cento livres de erros.

O Kidush Hashem (Santificação do nome Divino) alcançado através da morte de Nadav e Avihu

Assim que Aharon soube da morte de seus dois filhos, começou a soluçar: "Ai de mim", lamentou-se, "pois eu e meus filhos pecamos!"

"Não é como você está dizendo", acalmou-o Moshê. "*Hashem* indicou-me, já no Monte Sinai, que Seu grande Nome seria santificado no *Mishcan* através de um de Seus amigos íntimos. À época, pensei que Ele Se referia a você ou a mim. Contudo, agora percebo que a grandeza de seus filhos ultrapassa a nossa. Morreram devido ao seu nível superior de proximidade com *Hashem*."

De que maneira a morte de Nadav e Avihu santificou o Nome Divino?

A resposta pode ser melhor compreendida através do seguinte exemplo:

A coroação do novo imperador era iminente. A multidão se aglomerava no jardim e pátio reais, para assistir ao grande espetáculo do imperador subindo as escadas e, pela primeira vez, tomando seu lugar no trono recém-construído. Então, para espanto de todos, aconteceu o inacreditável. Um dos nobres, figura pública e amigo íntimo do imperador subiu ao trono, sentou-se e, à guisa de brincadeira colocou a coroa sobre a própria cabeça. O jovem regente, sem hesitar, chamou sua guarda armada: "Pena capital, sem mais demora", ordenou. "Se for leniente agora, outros seguirão seu exemplo."

O povo observou em respeitoso silêncio como o transgressor foi levado embora, para a morte. Este acontecimento ficará para sempre na memória das pessoas, uma demonstração do poder e autoridade do rei.

Similarmente, o Todo Poderoso disse: "Se relevar os atos de Nadav e Avihu, outros os imitarão. Não posso deixar que Minha honra seja manchada!"

Nadav e Avihu perderam porque subverteram as leis do Santuário. O povo ficou impressionado com a severidade da punição. Demonstrava que *Hashem* não permitiria qualquer modificação ou inovação em Seu Serviço. O *Kidush Hashem*, assim, foi a lição para jamais ser esquecida, de que as leis da *Torá* são eternas e imutáveis, não sujeitas à manipulação por seres humanos. Há apenas um caminho para aproximar-se do Todo Poderoso: subjugação total e absoluta à Sua vontade.

Em nossa época também enfrentamos o problema de como lidar com as mutantes condições da era moderna. Os movimentos reformistas e conservadores responderam criando uma "síntese" da *Torá* e da cultura prevalente. Na realidade, contudo, sacrificaram os fundamentos do Judaísmo, praticando, em seu lugar, um pseudo Judaísmo destituído de conteúdo verdadeiro. O problema abordado é tão atual quanto antes. O verdadeiro desafio é: "Como educarmo-nos, e a nossas crianças, segundo os altos padrões exigidos pela *Torá*, apesar da depravação e licenciosidade reinantes, chamadas "cultura"? Nosso sucesso como judeus depende de nossa adesão aos princípios da *Torá*, mesmo sendo estes opostos às tendências do mundo não-judaico.

Hashem disse a Moshê: "Informe a Aharon que lhe concedi grande honra e bondade. Diga-lhe: 'A posição de seus filhos no Mundo Vindouro é o compartimento mais interno da *Shechiná*. Posicionam-se até mesmo acima de sua posição e da de seu irmão Moshê.'"

A reação de Aharon

Quando Aharon percebeu que seus filhos foram convocados prematuramente à abóbada Celestial porque eram *tsadikim* de tal envergadura cuja punição fora extraordinariamente severa, parou de soluçar e ficou em silêncio. O silêncio não era apenas exterior. Também em seu coração aceitou o julgamento de *Hashem* com serenidade. *Hashem* recompensou sua grandeza falando com ele depois disso, embora geralmente Ele só Se dirigisse a Moshê, como será explicado adiante.

Da mesma maneira como Aharon aceitou a justiça do veredicto de *Hashem*, também assim o fizeram os *tsadikim* através das gerações.

Certa vez *Rabi* Meir estava ensinando no *Bet Hamidrash* (Casa de Estudos) na tarde do *Shabat*, quando a tragédia abateu-se sobre sua casa. Seus dois filhos faleceram. Sua esposa deitou os corpos sobre uma cama e estendeu um cobertor sobre eles.

Quando *Rabi* Meir voltou, ao final do *Shabat*, perguntou: "Onde estão nossos dois filhos?"

"Estão no *Bet Hamidrash*", respondeu a esposa.

"Mas verifiquei lá, e não os vi", retrucou ele.

Ela não respondeu, todavia ofereceu-lhe silenciosamente a taça para recitar a *Havdalá*, e ele recitou as bênçãos. Então perguntou-lhe outra vez: "Onde estão os meninos?"

"Foram a algum lugar", respondeu ela vagamente. Serviu uma refeição, e ele comeu. Depois, ela disse: "*Rabi*, tenho uma pergunta a fazer."

"Qual a sua pergunta?" indagou *Rabi* Meir.

"Ontem alguém veio aqui confiar-me algo em consignação, como empréstimo. Agora, a pessoa voltou, exigindo que devolva o que me foi confiado. Devo ou não devolver?"

Rabi Meir lhe disse: "Certamente um empréstimo deve ser devolvido ao proprietário de direito."

"Quero te mostrar primeiro", disse ela. Conduziu-o ao quarto onde escondera os corpos, retirou o cobertor e mostrou-lhe os dois filhos mortos sobre a cama. *Rabi* Meir irrompeu em lágrimas.

"Meus filhos, e meus *rebes* (mestres)", soluçou. "Vocês não eram apenas meus filhos, mas também meus *rebes*, pois iluminavam meus olhos com seu estudo de *Torá*."

Sua esposa então lembrou-o: "*Rabi*, não me disse que um empréstimo deve ser devolvido quando o proprietário o pede de volta?"

Rabi Meir escutou as palavras de sua virtuosa esposa, e consolou-se.

"*Hashem* deu e *Hashem* tomou, bendito seja o Nome de *Hashem* (*Iyov* 1:21)!" exclamou, reconhecendo a justiça Divina.

A respeito da esposa de *Rabi* Meir, *Beruria*, está escrito (*Mishlê* 31:11): "*Éshet cháyil mi yimtsá... / Quem poderá encontrar uma mulher valorosa, pois seu valor excede em muito o de pérolas!*"

Por que *Hashem* expõe a humanidade a um estilo de vida caracterizado por experiências de luto, pesar e tragédia, em vez de garantir-nos conforto e tranqüilidade perfeitos? Infortúnios são a maneira pela qual o Todo Poderoso nos lembra a natureza transitória deste mundo, e de nossa verdadeira tarefa aqui, a de servi-Lo. Adultos, bem como crianças, facilmente esquecem-se da realidade. Um ser humano, se lhe forem concedidos paz e conforto imperturbáveis, geralmente esquece-se de si mesmo e adormece espiritualmente, tornando-se totalmente absorto na tentativa de preencher seus desejos de conforto físico e luxúria. Se não fossem pelos lembretes do Alto, ficaríamos arrogantes e autoconfiantes, agindo como se a vida neste mundo durasse para sempre. Infortúnios nos lembram da fragilidade de nossa existência, trazendo à tona o fato de que devemos cada respiração ao Criador. *Tsadikim* tiram vantagem de seus infortúnios para atingirem maior proximidade a *Hashem*.

O final do relato de Nadav e Avihu e a leitura de Yom Kipur

Moshê chamou os primos de Nadav e Avihu, os *leviyim* Mishael e Eltsafan, ordenando que removessem os corpos do *Mishcan*. Não encarregou os filhos de Aharon, El'azar e Itamar para esta tarefa, pois foram consagrados naquele mesmo dia; seu status no dia da consagração é comparado ao do Sumo Sacerdote que é proibido de profanar-se, mesmo para enterrar um parente próximo.

Mishael e Eltsafan não tinham permissão para entrar no Santo dos Santos. Por isso, utilizaram ganchos de ferro para puxar os corpos.

A morte de Nadav e Avihu também é mencionada no início da *Parashá* de *Acharê Mot* (*Vayicrá* 16:7), que é a leitura anual de *Yom Kipur*. Por que devemos mencioná-los neste dia, apesar deste não ser o dia de seu passamento, mas sim Primeiro de *Nissan*?

A *Torá* precede as leis de *Yom Kipur* contando a morte de Nadav e Avihu para sugerir um paralelo entre a morte de um *tsadic* e o caráter do dia mais sagrado. Da mesma forma que *Yom Kipur* expia nossos pecados, assim a partida de um *tsadic* deste mundo é a expiação para toda a comunidade.

Hashem prometeu: "A lembrança da morte dos dois virtuosos filhos de Aharon expiará as transgressões do povo judeu no exílio, quando não mais terão sacrifícios para expiá-los."

De fato, a *Torá* menciona repetidamente os filhos de Aharon, Nadav e Avihu (*Bamidbar* 3:4, 26:61) para demonstrar que eram amados por *Hashem*.

Aharon e seus filhos remanescentes não podem enlutar-se pelos falecidos

Como será explicado futuramente na *Parashá* de *Emor*, os *cohanim* devem observar leis de pureza especiais, que os proíbem de tocar num corpo sem vida. Há, contudo exceções, como a morte de um parente próximo, a cujo enterro têm de comparecer. Por outro lado, o Sumo Sacerdote jamais pode deixar a *avodá*, mesmo se seu próprio pai ou mãe falecerem.

No oitavo dia da inauguração do *Mishcan*, *Hashem* aplicou as leis do Sumo Sacerdote não apenas ao *Cohen Gadol*, Aharon, mas também a seus filhos remanescentes. Estavam proibidos de mostrar quaisquer sinais de luto pela morte de seus irmãos, mas foram ordenados a continuar o serviço. Uma interrupção nos serviços do *Mishcan* empanaria a inauguração do mesmo.

Por isso, *Hashem* ordenou: "Não deixem crescer os cabelos, nem rasguem suas roupas em luto pela morte de Nadav e Avihu. Também não é permitido parar com seus próprios sacrifícios no *Mishcan*. Se vocês se opuserem, dizendo: 'É uma profanação da honra de nossos falecidos irmãos se ninguém se enlutar por eles', Eu, *Hashem*, responderei: 'Que todo *Benê Yisrael* chore pela conflagração que *Hashem* infligiu.' Se um Sábio morre, a comunidade inteira adquire status de parente."

Aharon e seus dois outros filhos, El'azar e Itamar, obedeceram, e não demonstraram quaisquer sinais de luto por Nadav e Avihu.

As palavras acima contêm leis a serem observadas pelos *cohanim* através das gerações:

- Um *cohen* não pode entrar no *Bet Hamicdash* com os cabelos compridos, à maneira dos enlutados. Demonstrações de pesar e luto não são apropriadas à casa de D'us, local de júbilo e reverência.
- Um *cohen* também não pode entrar no *Bet Hamicdash* com as roupas rasgadas como os enlutados.
- *Hashem* advertiu os *cohanim* para que jamais interrompessem a *avodá* (exceto para enlutar-se pelos parentes mais próximos), não importa quão urgente algo possa lhes parecer.

Isto demonstra que não há profissão ou ocupação no mundo acima do Serviço de D'us. Se o *cohen* deixa o Serviço para devotar-se a outros assuntos, com isso ele O relega a segundo plano.

Um cohen não pode entrar no Mishcan após beber vinho

Hashem dirigiu a palavra diretamente a Aharon, apesar de geralmente dirigir-Se a Moshê. Aharon foi assim recompensado pelo Todo Poderoso por ter-se refreado de lamentar o destino de seus filhos, aceitando sobre si

o decreto Celestial com tranqüilidade, tanto com os lábios quanto no coração. Agora, *Hashem* falou diretamente a Aharon para consolá-lo e honrá-lo.

Estas foram as palavras de *Hashem* para Aharon: "Se um *cohen* bebe um *reviit* (86 ml) de vinho, está proibido de fazer a *avodá* em seguida."

Por que *Hashem* decidiu formular esta advertência justamente naquele dia?

Nadav e Avihu haviam morrido porque, entre outras razões, beberam vinho antes de fazer uma *avodá*. Por isso, *Hashem* advertiu Aharon que ele e os outros *cohanim* jamais deveriam fazer isto.

Por que o *cohen* está proibido de realizar o serviço após ingerir bebidas alcoólicas?

A inebriação produz três deficiências:

- Torpor
- Confiança excessiva
- Redução da clareza mental

O *cohen* deve estar de posse de plenas capacidades mentais ao realizar o serviço.

A proibição de beber um *reviit* de álcool também se aplica a alguém que precisa tomar uma decisão haláchica (legal). Teme-se que sua mente não esteja clara após ingerir alguma bebida inebriante.

Nossos Sábios advertem, como regra geral de conduta, a manter hábitos moderados ao beber.

O caráter de uma pessoa pode ser avaliado através de três critérios:

- *Becossô*: observando seus hábitos ao beber.
- *Bekissô*: através da maneira como conduz os negócios (se é ou não honesto, como gasta o dinheiro, se faz suficiente caridade, e assim por diante).
- *Becaassô*: através de seu temperamento (observando quando se destempera).

Por que nossos Sábios escolheram estes três critérios como pontos básicos para julgar uma pessoa?

Esses três englobam todas as facetas das relações humanas.

- Beber em excesso denota falta de auto-restrição. Observando esta área, pode-se discernir como alguém lida com seus problemas pessoais, se tem ou não autocontrole.
- A maneira como alguém conduz os negócios revela sua atitude em relação aos outros. Observando se age de maneira correta e honesta, ou se procura trapacear, pode-se medir sua relação com seus semelhantes.
- Alguém que se perde em explosões temperamentais é comparado, pelos Sábios, a um ídola (pois se deixa sua má inclinação dominá-lo a tal ponto, também será capaz de servir a ídolos). Pelas demonstrações de fúria da pessoa calcula-se se é ou não um verdadeiro servo de *Hashem*.

Moshê erra como resultado de raiva

No dia em que seus dois filhos morreram, Aharon e seus outros filhos, El'azar e Itamar, ofereceram um *corban chatat* (oferenda pelo pecado) a *Hashem*, abatendo-o e preparando-o segundo a *Halachá*, mas sem comer nenhuma parte dele. Moshê repreendeu-os, perguntando por que tinham se recusado a comer o *chatat*.

"Não foi uma lição suficiente ver o que sucedeu a Nadav e Avihu quando se comportaram inadequadamente, tomando a *Halachá* em suas próprias mãos?"

Aharon respondeu: "Meu bom irmão, não fique zangado conosco. Uma grande tragédia nos acometeu hoje; meus dois filhos morreram. Pensei que num dia de luto não me fosse apropriado comer a carne de um *corban*."

Moshê ouviu a razão do irmão e arrependeu-se de tê-lo censurado. "Perdoe-me, irmão. A raiva me fez esquecer a Lei que *Hashem* me ensinou, que proíbe os *cohanim* de comer dos *corbanot* durante seu luto. Você está certo; conhecia a *Halachá* e se comportou corretamente, enquanto eu errei."

Depois de pedir desculpas ao irmão, Moshê deixou o acampamento anunciando: "Hoje esqueci uma das Leis que *Hashem* me ensinou. Errei ao repreender meu irmão, que falou comigo suavemente, ensinando-me o que deve ser feito."

Este pedido de desculpas em público provou ao povo mais do que nunca a grandiosidade e humildade de Moshê. Jamais houve ou haverá homem tão modesto. A própria *Torá* dá prova disso.

Por que Moshê errou?

Foi uma conseqüência de ter ficado irado. A raiva é punida com esquecimento. Por que a raiva e arrogância causam a perda de sabedoria de *Torá*?

O coração da pessoa não pode conter egoísmo e a *Shechiná* ao mesmo tempo, pois os dois são a antítese um do outro. Se a raiva ou arrogância, motivada pelo egoísmo, tomam posse do coração, a *Shechiná* parte.

A aspereza de Moshê origina-se de motivos puros. No caso de El'azar e Itamar não terem comido o *corban*, tremeu de medo ante a perspectiva dos dois filhos de Aharon terem cometido um erro, e serem punidos como seus irmãos, Nadav e Avihu. Não obstante, nossos Sábios expressam crítica por Moshê ter manifestado raiva.

O silêncio dos filhos de Aharon, El'azar e Itamar, que tinham o direito de retrucar e não o fizeram apesar de Moshê repreendê-los severamente, merecia uma recompensa.

Quando D'us ensinou a Moshê as leis da *cashrut*, deu ordens para instruí-los a El'azar e Itamar. Eles as ensinariam ao povo. Existiria maior recompensa que serem indicados professores de *Torá* de *Benê Yisrael*?

Cashrut / As leis dietéticas

Hashem ensinou a Moshê as espécies de animais, aves e peixes que o judeu pode comer, e quais são proibidas. Quando enumerou os animais, o Todo Poderoso, milagrosamente, levou todos perante Moshê e, depois de mostrar os sinais de pureza e impureza de cada um, disse: "Este você poderá comer" ou "Este lhe é proibido".

Por que a dieta de um judeu é limitada somente a determinados animais *casher*?

A *Torá* não proíbe determinados alimentos porque são prejudiciais à saúde. Se supusermos isto, reduziremos a *Torá* a um mero guia de nutrição e saúde. Mais que isso, somos testemunhas do fato de que as nações não-júdas comem porco, insetos e outros animais declarados impuros pela *Torá*, não obstante, são fortes e saudáveis.

As Leis da *Torá* são elaboradas para manter a saúde da alma, não a saúde física.

Enquanto as razões das Leis da *Torá* emanam de considerações espirituais, é, contudo, um fato irrefutável que seus efeitos colaterais são o bem-estar físico desfrutado por nosso povo. Por exemplo, o Rambam (Maimônides) escreve que os judeus foram poupados de uma perigosa doença que grassava entre os que comem porco. É bastante conhecido o fato de que nosso povo foi poupado de diversas pragas na Idade Média, por causa da higiene exigida pelas Leis da *Torá*. Atualmente, peritos concluíram que o câncer de útero não é comum entre mulheres júdas que observam as leis de Pureza Familiar.

A *Torá* nos proíbe consumir determinados alimentos porque turvam a pureza da alma, poluindo e nos contaminando espiritualmente (ao final da *Parashá*, este assunto será mais elaborado).

Por que o Todo Poderoso permite às nações do mundo ingerirem qualquer alimento que desejam, enquanto Ele impôs restrições a Seu povo escolhido?

A enfermaria do hospital estava calma. Os pacientes olhavam enquanto o médico encarregado ia de cama em cama, examinando cada paciente. Ele dava instruções à enfermeira que o acompanhava.

"Este paciente deve manter uma dieta muito severa", ordenou à enfermeira. "Nenhuma carne, ovos, leite, manteiga – nenhum tipo de gordura."

Andou até a próxima cama e conferiu o paciente e seus registros.

"Enfermeira", ordenou ele, "deixe o paciente comer tudo que desejar. Diga-lhe que já recebeu alta."

"Que bom!" replicou a enfermeira, "estou feliz por saber que ele está melhor; mas sinto que o primeiro paciente tenha que manter dieta tão restrita."

"Você não entendeu a situação, enfermeira", explicou o doutor. "O primeiro paciente tem um probleminha no coração, mas estou confiante que, se seguir uma dieta rigorosa se recuperará. Por isso recomendei uma dieta especial. Entretanto, o segundo paciente é um homem tão doente, que nada posso fazer por ele. Não o ajudaria em nada recomendar uma dieta."

Sob um prisma similar, o povo judeu possui alma pura, e por isso são afetados de maneira negativa através do consumo de alimentos não-*casher*. As nações do mundo, todavia, imersas em impureza, não são afetadas pelo consumo de tais alimentos. Uma vez que seu nível espiritual é bem inferior ao de *Benê Yisrael*, são insensíveis à brutalidade produzida na psique humana através da ingestão de animais impuros.

Uma pessoa poderia perguntar: "Se tantos animais são proibidos, por que *Hashem* os criou?"

Uma resposta é que as espécies não-*casher* foram criadas para testar o povo judeu. Através desses, *Hashem* determina se temos força de vontade para abstermo-nos de alimentos que Ele declarou não-*casher*.

Sinais através dos quais se reconhece espécies *casher* e não-*casher*

A *Torá* descreve os sinais pelos quais pode-se distinguir um animal permitido de um não permitido.

Animais

O Todo Poderoso decretou que apenas os animais com as duas características seguintes são *casher*:

1. Os cascos são completamente fendidos. Alguns animais possuem cascos parcialmente fendidos, mas unidos na parte inferior. São não-*casher*. Os cascos devem formar duas partes distintas, com duas unhas.
2. São ruminantes, isto é, após engolirem a comida, regurgitam e a mastigam novamente. Não possuem os dentes superiores da frente, mas têm quatro estômagos. Ao invés de mastigar bem a comida, cortam-na toscamente. A comida desce para o primeiro e segundo estômagos. Dali volta para a boca e então é mastigada corretamente. Em seguida, a comida desce até o terceiro e finalmente ao quarto estômago, onde é digerida.

A *Torá* enumera os dez animais *casher* na *Parashá* de *Reê* (*Devarim* 14:5):

1. *Shor* – boi
2. *Sê kevassim* – carneiro
3. *Sê izim* – cabra
4. *Ayal* – gazela
5. *Tsvi* – veado
6. *Yachmur* – antílope
7. *Aco* – cabra selvagem
8. *Dishon* – camurça
9. *S'ó* – boi selvagem
10. *Zemer* – girafa

Estas são as traduções padrão dos nomes dos animais. Ainda, as definições de alguns são discutidas pelos comentaristas, e não se tem certeza da acurácia de algumas traduções. Não determinamos a identidade de um animal, e portanto se é ou não *casher*, pelo seu nome em qualquer idioma. A identidade é determinada pela ininterrupta tradição que começou com Moshê.

A *Torá* nos adverte a não comer animais que, apesar de possuírem uma das características de pureza, faltam-lhes a segunda. São eles:

- Gamal – camelo; ruminante, mas os cascos não são completamente fendidos.
- Shafan – coelho, não possui cascos fendidos.
- Arnevet – lebre, pois não possui cascos fendidos.
- Chazir – porco; possui patas fendidas, porém não ruminante.

Não devemos ser enganados por um dos sinais *casher* desses animais. Se os estudarmos atentamente, veremos que carecem do segundo sinal.

Será que Moshê Rabênu era um zoólogo ou caçador, que conhecia a anatomia detalhada das criaturas acima, e pôde declarar sem sombra de dúvidas que nenhum outro animal no mundo possui sinais de pureza? (De fato, até hoje, nenhum outro animal, além dos dez mencionados na *Torá*, foram descobertos.)

Portanto, isto é prova irrefutável da Divindade da *Torá*! Ninguém, a não ser o Próprio Todo Poderoso, que criou todos os animais, poderia classificá-los, como Ele fez na *Torá*.

Assim como a carne de animais não-*casher* é proibida, também não podemos beber seu leite. Podemos beber leite apenas se vier de animal *casher*, como vaca ou cabra. Leite, para ser considerado *casher*, deve ser observado desde o início da ordenha até o engarrafamento. Apenas desta maneira podemos ter certeza de que nenhum leite de animal não-*casher* foi misturado a ele.

O mel é feito por abelhas, que não são *casher*. Porém, a *Torá* nos permite ingerir o mel.

Peixes

Para ser qualificado como *casher*, um peixe deve possuir escamas e barbatanas. Ainda, se forem encontradas apenas escamas no peixe, pode-se considerá-lo *casher*, pois todo peixe que possui escamas também tem barbatanas.

Exemplos de peixe *casher*: atum, salmão, carpa, arenque, pescada e truta. Exemplos de peixes não-*casher* são: bagre, enguia e tubarões.

Quando um judeu vai à peixaria cujo dono não é um judeu cumpridor de *Torá*, não pode adquirir peixe do qual as escamas e barbatanas foram retiradas antes de ele chegar, mesmo se o dono afirmar que o peixe é *casher*.

Aves

A *Torá* fornece uma lista de vinte e quatro aves não-*casher*. São enumeradas em vez das *casher*, porque são em menor número que as permitidas, e a *Torá* escolhe a maneira mais sucinta de se expressar. São aves de rapina que seguram a presa com as garras, como a águia, o corvo e a cegonha.

A *Torá* nos permite comer qualquer ave que não seja uma das vinte e quatro proibidas. Hoje em dia, porém, consumimos apenas as aves que têm uma tradição confiável ininterrupta de serem *casher*.

Insetos

A *Torá* permite o consumo de quatro espécies de gafanhotos, descrevendo nesta *Parashá* quatro características que os tornam permitidos.

Porém, só poderíamos consumi-los se tivéssemos uma confiável tradição de que realmente pertencem às espécies permitidas. Na prática não os utilizamos, pois com o passar do tempo este conhecimento foi perdido.

É proibido ingerir insetos ou vermes. Portanto, qualquer alimento que possa conter insetos ou vermes deve ser cuidadosamente verificado antes do consumo.

Sherets / Répteis

Hashem proibiu os judeus de comerem qualquer réptil encontrado em terra seca ou aquático, como está escrito: “São uma abominação para vocês!” Nenhuma espécie de réptil é *casher*.

Por que o Todo Poderoso as trata como repulsivas? Ele as considera inaptas para consumo por causa da serpente, que pertence a esta categoria. Abster-nos de ingeri-las nos lembrará para sempre da danosa trapaça da serpente, que fez com que Adam pecasse, e conseqüentemente infligiu a morte sobre a humanidade. Oito répteis são proibidos não apenas de consumo, mas um judeu não pode sequer tocá-los quando mortos.

Tum'at Magá / Impureza ritual causada por contato

Na época do *Bet Hamicdash*, um judeu tinha de evitar não apenas comer alimentos não-*casher*, mas também tocar o corpo de um animal, ou o animal vivo, declarado impuro pela *Torá*.

Se um judeu tocasse um desses animais, ficaria *tamê*, impuro. Era proibido de entrar no *Bet Hamicdash*, ou de comer alimentos consagrados, como os dos sacrifícios. Só ficaria completamente puro após imergir num *micvê* e esperar até o anoitecer. Se a carcaça de algum desses animais encostasse numa roupa ou utensílio, estes também se tornavam impuros. Permaneciam impuros até o anoitecer, e tinham de ser imersos no *micvê*.

Alimentos também podiam se tornar impuros.

A importância e o valor da *cashrut*

No final da *Parashá*, a *Torá* volta a advertir para que não profanemos nossas almas ingerindo répteis e a importância de saber distinguir entre animais proibidos e permitidos.

Hashem concluiu assim as leis da *cashrut*: “Eu Sou teu D'us, que te tirou da terra do Egito.”

Este versículo tem implicações mais amplas, pois ensina: “Se Eu tivesse te tirado do Egito apenas para esta *mitsvá* de abster-se de comer alimentos proibidos, já teria sido uma valiosa realização!”

A adesão às leis dietéticas faz com que o povo judeu se torne uma nação sagrada, assemelhando-se ao próprio Todo Poderoso.

Um judeu não deve dizer: “Presunto é repugnante” ou “Eu jamais comeria pernas de rã”. Ao invés disso, deveria dizer: “Eu realmente gostaria de comer todos os tipos de carne, mas não o farei, porque *Hashem* me proíbe.” Assim, evita os alimentos não-*casher* *leshêm shamáyim*, com a intenção de cumprir a *mitsvá*.

Quão afortunado é o povo judeu! Geralmente, um empregador combina com seu empregado: “Se você fizer o trabalho sujo, sua remuneração será bem polpuda.”

O Todo Poderoso age de maneira contrária. Ele nos promete: “Abstenham-se de comer os répteis, insetos e animais detestáveis e repugnantes que proíbi, e os recompensarei regamente por isto!”

O efeito da ingestão de alimentos não-*casher*

A *Parashá* é concluída enfatizando a razão para a *mitsvá* de *cashrut* em termos vigorosos: “Pois que vocês são um povo santo.” Observando estas leis o judeu ascende os degraus da santidade.

Ignorando-as, não apenas contamina a si mesmo, mas constrói gradualmente uma barreira que bloqueia sua compreensão da santidade. O consumo desses alimentos impede a capacidade da pessoa em elevar-se, contamina a alma de maneiras que nenhum exame físico consegue detectar, e cria uma barreira entre o judeu e sua percepção de D'us. O dano causado por esses alimentos não é físico; no entanto, impedem que o coração atinja os elevados valores da alma.

Da mesma maneira que alguém está constantemente exposto à música em alto volume e à poluição sonora, lenta e imperceptivelmente vai sofrendo perda de audição e não consegue mais escutar sons delicados e detectar modulações sutis, assim também, para um judeu, toda comida não-*casher* diminui a sensibilidade espiritual, reduzindo a habilidade de absorver conceitos de *Torá* e *mitsvot*. A mente e o coração são afetados. E, mais ainda, torna-o incapaz de perceber sua perda.

É a missão espiritual do povo judeu unir-se à Fonte de vida espiritual. Conseqüentemente, o judeu deve abster-se de consumir quaisquer alimentos que a Divina Inteligência saiba serem um obstáculo para atingir seu sublime objetivo. Uma vez que o povo judeu tem a capacidade para a vida espiritual, D'us “prescreveu-lhes” alimentos que os conduzem ao crescimento espiritual. Por esta razão, até crianças pequenas devem ser resguardadas de comerem alimentos proibidos, para não prejudicar seu potencial de santidade.

Aqueles que consomem alimentos proibidos podem não conseguir ver a lógica dessas proibições, assim como alguém que vive sob o efeito de analgésicos acha estranho que outros gritem de dor em reação a estímulos que ele não sente. Analgésicos adormecem os nervos, e alimentos proibidos entorpecem as antenas espirituais.

Nossa geração é consciente sobre nutrição e bem informada sobre quais alimentos são saudáveis. Devemos, contudo, educar uma geração cônica de *cashrut*, cientes de que trazer produtos com restrição para dentro de casa, ou comer em qualquer lugar, pode causar danos irreparáveis à alma.

Por que manter-se *casher*?

Na verdade, os mandamentos são de origem Divina e nunca poderão ser totalmente compreendidos pelo intelecto humano. Mantemos as *mitsvot* porque são um presente de D'us ao povo judeu.

Religião em geral trata de prece, meditação, caridade e ética. O Judaísmo, entretanto, envolve todos os aspectos da vida. Nossas atividades cotidianas mais comuns tornam-se imbuídas de santidade quando seguimos as diretrizes da *Torá*.

A *cashrut* representa o encontro do corpo e da alma. A *Torá* nos diz para não rejeitarmos o físico, e sim para santificá-lo. Santificamos o ato de comer através do alimento *casher*, e recitando bênçãos antes e após a refeição. A dieta *Casher* dá nutrição espiritual para a alma judaica; foi elaborada por D'us para trazer refinamento e purificação.

O que isso significa? A moderna ciência nutricional reconhece que o Judaísmo sempre ensinou que somos aquilo que comemos. Sabemos que os alimentos que ingerimos são absorvidos por nossa carne e sangue. Abutres e animais carnívoros, tendo o poder de influenciar quem deles se alimenta com atributos agressivos, estão entre os alimentos proibidos. O objetivo é evitar absorver características animais como vulgaridade e rudeza.

A grandeza espiritual e santidade adquiridas por quem se abstém de alimentos não-*casher* é imensurável. Uma das razões que contribuíram para a clareza de espírito e profunda compreensão das gerações passadas é seu auto-sacrifício em não tocar em alimentos proibidos pela *Torá*.

É fácil entender por que a *cashrut* é considerada a *mitsvá* de mais longo alcance. A história demonstra que quando a observância de *cashrut* é forte, a identidade judaica permanece forte.

Além do benefício imediato neste mundo, um judeu que cumpre as leis dietéticas conquista grande recompensa: terá o privilégio de participar do banquete a ser realizado na época de Mashiach.

Descrevendo esta refeição que haverá no futuro, os Sábios fazem alusões a deleites espirituais. Quem come alimentos *casher* será recompensado com o deleite de apegar-se à *Shechiná* no futuro.

O poder do alimento *casher*

Para explicar o poder dos alimentos *casher*, devemos nos voltar aos ensinamentos chassídicos baseados no misticismo. O cabalista Arizal deu uma interpretação literal ao versículo "O homem não vive somente de pão, mas da palavra de D'us" (*Devarim* 8:3).

Ele explicou que não é o alimento em si que dá a vida, mas sim a centelha de Divindade – a "palavra de D'us" – que está presente no alimento. Toda matéria tem dentro de si centelhas de Divindade que dão vida ao objeto físico. Quando comemos, o sistema digestivo extrai os nutrientes, enquanto a alma extrai a centelha de Divindade encontrada na natureza.

A energia Divina no alimento é, portanto, a verdadeira fonte de sua capacidade de sustentar e nutrir o corpo. Comida *casher* tem uma poderosa energia que dá força espiritual, intelectual e emocional à alma judaica, ao passo que alimentos não-*casher* fazem o oposto. A dieta *casher* é realmente a dieta saudável para a alma, contendo a nutrição espiritual necessária para a sobrevivência judaica.